

ECOS DE TROTSKY NA ESQUERDA ARMADA BRASILEIRA, 1964-1974

*MARCELO S. RIDENTI**

Nas aulas e palestras que tenho ministrado sobre a resistência armada à ditadura militar nos anos 60 e 70, freqüentemente surgem perguntas sobre a posição dos grupos trotskistas da época em relação à guerrilha. Para respondê-las, vale a pena publicar este artigo, originalmente apresentado no Simpósio Internacional "Trotsky - Passado e Presente do Socialismo", realizado pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo, em 1990.

Dos vários grupos clandestinos de esquerda que se pretendiam revolucionários depois de 1964, os trotskistas foram dos poucos que ficaram à margem das ações armadas. Dentre eles, o mais destacado foi o Partido Operário Revolucionário (POR), pequeno agrupamento inspirado na liderança do trotskista dissidente argentino, J. Posadas. O POR teve certa inserção entre estudantes, militares de baixa patente e trabalhadores rurais e urbanos, antes de 1964, principalmente em São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul (Ridenti, 1993: p.68-70; Arns, 1988: p.42-4).

O POR foi severamente reprimido após o golpe, mas se recompôs a partir de 1966, pregando a insurreição armada contra a ditadura. Era crítico das propostas de ações armadas urbanas e de guerrilha rural, que estavam difusas na esquerda brasileira. Seu distanciamento dos guerrilheiros não impediu que fosse duramente golpeado pela polícia, que prendeu e matou muitos de seus militantes entre 1970 e 1972, como Olavo Hansen, assassinado em maio de 1970 (Araújo, 1995: p.92-4; Gorender, 1987: p. 119-22).

O POR sofreu cisões no pós-64, as quais se reivindicavam trotskistas, mas discordantes da posição posadista da direção do POR. Surgiram,

então: a Fração Bolchevique Trotskista (FBT), gaúcha, à qual se integrariam outros dissidentes do POR em São Paulo e no Nordeste em 1968-1969. e o Grupo 1º de Maio, cisão sobretudo estudantil de 1968, em São Paulo. Elas também eram contra o método de guerra de guerrilhas, buscando retomar um trabalho de massas no meio operário e estudantil, sendo duramente atingidas pela repressão (Garcia, 1979).

Já em meados da década de 70. remanescentes do Grupo 1º de Maio e da FBT integraram a Organização Socialista Internacionalista (OSI), conhecida no movimento estudantil da época como Liberdade e Luta, base da futura tendência O Trabalho, atuante no interior do Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos 80 e 90. no processo de democratização política da sociedade brasileira. Outros remanescentes da FBT criaram a Liga Operária, a qual mais tarde comporia a Convergência Socialista, que atuou dentro do PT. vindo depois a criar legalmente o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). já na década de 90.

Dentre os grupos trotskistas, o único que aderiu à esquerda armada foi uma parcela do Partido Operário Comunista (POC). No entanto, o POC enquanto todo não se reivindicava trotskista. Ele resultou de uma fusão da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP) com a dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no Rio Grande do Sul, no princípio de 1968. Inicialmente crítico das ações armadas urbanas, o POC acabou envolvendo-se com elas, principalmente em 1970, atuando em frente com outras organizações, como a Vanguarda Armada

* Professor do Departamento de Sociologia da FCL - Unesp/Araraquara; autor do livro O fantasma da revolução brasileira (Ed Unesp, 2ª ed., 1996)

Revolucionária-Palmares (VAR), o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), e o Marx, Mao, Marighella e Gevara (M3G). Nesse período, o POC dividiu-se em subgrupos, alguns dos quais defendiam os princípios da IV Internacional.

Na ciranda das ações armadas, o POC foi drasticamente atingido pela repressão e praticamente se desintegrou em 1971. Os remanescentes fugiram para o exterior. Foi somente no exílio que a organização aproximou-se explicitamente do Secretariado Unificado (S.U.) da IV Internacional. Impossibilitada de atuar politicamente dentro do Brasil, uma tendência militarista do POC (POC-Combate) tentou reatar os contatos e recriar a organização no País, enviando da França o militante Luís Eduardo da Rocha Merlino, assassinado logo depois de retornar, em julho de 1971, frustrando os planos da organização, já identificada com o S.U. da IV Internacional.

É compreensível o distanciamento mantido por grupos trotskistas da esquerda armada; afinal, viam nela fortes elementos de terrorismo, desprezo pela luta de massas e pela organização dos trabalhadores, posições que a distanciavam do legado de Trotsky. Além disso, as organizações guerrilheiras em geral tinham restrições ao trotskismo, ainda que textos de Trotsky e sobretudo a famosa trilogia de Deutscher fossem lidos por alguns militantes. Contudo, paradoxalmente, pelas razões que logo veremos, também não deve causar estranheza que alguns trotskistas tenham-se aproximado da esquerda armada, no Brasil e na América Latina (foi o caso dos grupos ligados ao S.U. da IV Internacional, que, em 1969, no seu IX Congresso, adotou posições guevaristas, revistas no congresso seguinte).

Há alguns pontos de aproximação entre o legado de Trotsky e as organizações armadas brasileiras, embora elas não reivindicassem esse legado. Trotsky escreveu o Programa de Transição que a crise da humanidade era uma "crise de direção". Caberia a uma vanguarda decidida conduzir a revolução mundial, dadas as condições objetivas favoráveis. Ora, muito semelhante era o parecer das esquerdas armadas sobre a revolução brasileira: o que emperraria o processo revolucionário seria a indecisão e o burocratismo de uma direção comunista

que se tornara inoperante. Caberia à vanguarda criar as condições subjetivas que faltavam para o processo revolucionário. O desenvolvimento das forças produtivas no Brasil estaria bloqueado pela articulação dos interesses dos latifundiários, dos capitalistas locais e do imperialismo, numa fórmula de exploração que só seria garantida pela força das armas da ditadura militar. Como a via democrática já se demonstrara ilusória com a derrubada do governo Goulart, só haveria duas opções: ou a estagnação econômica, garantida pela ditadura ("fascismo"), ou a libertação revolucionária ("socialismo") Já se vê um certo parentesco com formulações de Trotsky, que previra as alternativas de fascismo ou socialismo como desfecho para a crise mundial dos anos 30 e 40.

Entretanto, os grupos armados não beberam da fonte original, mas dos teóricos da dependência, como Ruy Mauro Marini (1969), Theotônio dos Santos (1972) e Gunder Frank (1970), que, embora não se considerassem trotskistas, e muitas vezes nem citassem Trotsky, foram influenciados pelo revolucionário russo. Conforme apontou, por exemplo, Guido Mantega (1985: p.28)-3), há sintonia entre o pensamento de Trotsky e a teoria da dependência, básica para as esquerdas armadas em ambas a economia capitalista é vista de uma ótica mundial, onde haveria desenvolvimento desigual e combinado, com os países avançados submetendo os atrasados: daí a idéia da impossibilidade de revoluções democrático-burguesas comandadas pelas burguesias dos países atrasados. Caberia ao proletariado conduzir as tarefas da revolução democrática, no mesmo processo em que se faria a revolução socialista; a articulação internacional do capitalismo também daria aos países atrasados um papel chave para a ruptura revolucionária mundial, para além dos limites nacionais.

Ainda antes de 1964, a POLOP colaborou para criar uma teoria da dependência, influenciando teoricamente vários grupos que pegariam em armas após 1964, com sua proposição de revolução socialista no Brasil, oposta à revolução democrático-burguesa pregada pelo PCB. Foram das fileiras da POLOP futuros intelectuais expressivos da teoria da dependência: Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, entre outros. Note-se que os comunistas

sempre consideraram a POLOP trotskista: primeiro, porque trotskista era sinônimo de tudo que divergisse à esquerda da "linha justa" do Partido; segundo, porque talvez efetivamente houvesse um parentesco indireto entre a teoria da revolução permanente e a reflexão da POLOP, um embrião da futura teoria da dependência. Mas esse parentesco jamais foi reconhecido, talvez pela carga negativa que o termo trotskista tenha assumido, quer pela propaganda stalinista, quer pela atuação dos trotskistas brasileiros organizados no período. O fato é que a POLOP tentava colocar-se fora da polêmica entre trotskistas e stalinistas, buscando outros revolucionários como referência: Talheimer, Bukharin, Andres Nin etc.

Todavia, não foi à toa que, mais tarde, surgiram concorrentes trotskistas dentro do POC, organização sucessora da POLOP - mesmo que a POLOP fosse acusada de "centrismo" pelos trotskistas do POC que reavaliavam sua história, como afirma Marco Aurélio Garcia¹⁰. Afinal de contas, o esboço de teoria da dependência da POLOP tinha como ser aproximada da revolução permanente. Por extensão, as várias organizações teoricamente tributárias da POLOP (VAR. MR-8, PRT. etc), também guardavam certo parentesco involuntário com as idéias de Trotsky.

Também seria possível demonstrar os muitos pontos em que as posições das esquerdas armadas afastavam-se do legado de Trotsky, no qual certamente não caberia, por exemplo, o chamado "foquismo" - teoria elaborada por Régis Debray (s.d.), a partir do exemplo da revolução cubana, em que um pequeno grupo guerrilheiro poderia começar o processo revolucionário no campo. Por isso a maioria dos trotskistas não aderiu às ações armadas, nem os grupos guerrilheiros se reivindicavam trotskistas. Porém, trata-se aqui de destacar como o legado de Trotsky foi absorvido pelas organizações armadas, mesmo por vias indiretas e tortuosas.

Sinteticamente, eis os pontos comuns entre Trotsky e a esquerda armada brasileira; a necessidade inquestionável da via revolucionária armada para derrocar a ordem estabelecida; a análise da estagnação econômica capitalista, que desemboca na opção entre socialismo ou fascismo; a criação de uma vanguarda revolucionária decidida, pronta para romper com o "imobilismo" do Partido Comunista; a

realização da revolução democrática e da revolução socialista num mesmo processo, guiado pela vanguarda dos trabalhadores; e a revolução pensada como não se atendo a fronteiras nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Maria do Amparo Almeida et alii. *Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964*. Recife, Cia Ed. De Pernambuco. 1995.
- ARNS, Paulo E. (pref.). *Perfil dos Atingidos*
- DEBRAY, Régis. *Revolução na revolução*. São Paulo, Centro Ed. Latino Americano, s.d
- FRANK, A. Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en America Latina*. Buenos Aires, Ed, Signos. 1970
- GARCIA, Marco Aurélio. "Contribuição a história da esquerda brasileira, 1960-1979" *Em Tempo*, s.n.. São Paulo, 1979.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas* São Paulo, Ática, 1987.
- MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira* 3ª. ed. São Paulo/Petrópolis. Polis/Vozes. 1985
- MARINI, Rui Mauro. *Subdesarrollo y revolucón*. México, Siglo XXI, 1969.
- OLIVEIRA, Francisco de. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. 6º ed. Petrópolis, Vozes, 1988.
- RIDENTI, Marcelo S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo, Ed. UNESP, 1993
- SANTOS, Theotônio dos. *Socialismo y fascismo*. Buenos aires, Ed. Periferia, 1972.

¹ a POLOP surgira em 1961 congregando jovens egressos do Partido Socialista, luxemburguistas, trabalhistas, dissidentes do PCB e alguns trotskistas. A organização, com certo peso no meio jovem, estudantil e intelectual, queria ser uma alternativa de esquerda ao PCB, então amplamente dominante na esquerda brasileira

² *Em Tempo*, 4 a 10. 10. 1979, p. 12

³ A crítica formulada por vários autores, já nos anos 70, sobre a teoria da dependência, também é devedora das análises de Trotsky, especialmente da proposta de entender o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. Ver, por exemplo, Oliveira (1988).